

ENTREVISTA

PESSOAS TRANS NA ESCOLA

JOÃO NERY¹

1. A partir das tuas vivências, como tens percebido o debate sobre as pessoas transgêneras nas diversas instâncias sociais como a família, a escola e a mídia? Quem são as pessoas que podem ser englobadas nesse “grupo”?

A falta de informação sobre este segmento é geral. Ainda se confunde muito identidade de gênero com orientação sexual. Ultimamente, a mídia tem divulgado muito a questão trans em vários programas, por causa da telenovela da Gloria Perez. Acredito que tenha havido uma melhora na compreensão sobre as necessidades de apoiar estas pessoas. Transgêneros são todas as pessoas que transcendem o gênero em relação ao gênero designado no nascimento. Embora seja um termo muito conhecido nos EUA, aqui, por exemplo, não dá direito a lutar por políticas públicas. Daí, temos que nos definir como transexuais e travestis para ter acesso ao SUS. Para mim são meros rótulos políticos, devemos respeitar as auto declarações de cada um, sem perder a noção de que somos humanos, antes de mais nada.

2. Muitas são as definições produzidas sobre a transexualidade e a transgeneridade. Como vens discutindo esse conceito nas tuas falas, livros e atividades?

Transgeneridade eu definiria como um termo guarda-chuva, como disse acima, que abriga todas as transidentidades, sejam elas binárias ou não.

¹ Primeiro homem trans operado no Brasil em 1977. Psicólogo, consultor em gênero e sexualidade, autor de Viagem Solitária - Memórias de um transexual 30 anos depois. Autor de Viagem Solitária, psicólogo, sexólogo, primeiro homem trans a ser operado no Brasil durante a ditadura militar. Ativista dos direitos humanos.

3. A luta pela despatologização da transexualidade é um tema recorrente. Como tens percebido esse processo e quais ações tens conhecimento que estão sendo desenvolvidas?

A Academia sempre falou pelas pessoas trans. Hoje há um número maior delas que estão, cada vez mais, no chamado “lugar de fala”, palestrando, escrevendo livros, dizendo quem são com própria voz e evidenciando sua sanidade mental. Desde 2010, com a *Campanha Internacional Stop Trans Pathologization*, o mundo se mobilizou para retirar a classificação de transtorno mental ou disforia de gênero dos catálogos diagnósticos (o DSM, da Associação Psiquiátrica Americana, e do CID, da Organização Mundial de Saúde). Apesar das inúmeras leis de identidade de gênero em vários países europeus e sul americanos, todos exigem ainda o laudo psiquiátrico para a transição, inclusive a França que fez uma “despatologização burocrática”. Somente a Argentina é que dispensou o laudo na sua lei, e foi aprovada por maioria no Congresso e unanimidade no Senado. É nessa lei que o (PL) 5002/13, conhecido como Lei João W Nery, está baseado. Além do mais, manter-nos doentes favorece, inclusive, aos laboratórios farmacêuticos e fortalece a “cisnormalidade”: mais “sanidade” para os cisgêneros.

4. Como desconstruir os binarismos de gênero tão presentes em nossa sociedade?

Pergunta difícil de responder. São muitos séculos em que o binarismo é enaltecido em todas as instituições (familiares, religiosas e sociais). Vejo como a revolução dos séculos 21/22, quando o gênero deixará de ser uma categoria diagnóstica médica, jurídica e de hierarquia das pessoas. Quando vão parar as cirurgias nos recém-nascidos intersexuais para definir o gênero? Os estudos *queer* têm colaborado para fortalecer não-binários, as desconstruções dos gêneros. Teriam que desenvolver estratégias em todos os campos para uma conscientização em massa de que o genital não define o gênero. Transformá-lo de natural em cultural. Atualmente, vivemos um retrocesso político que trouxe o conservadorismo e uma influência neopentecostal dominante no Congresso e na sociedade em geral, invadindo

quase todos os campos. Na próxima semana, estarei debatendo na Câmara dos Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro sobre a iminente ameaça de retirada do apoio da Prefeitura para a parada LGBT de Copacabana, pioneira do país. Parece que estou voltando aos tempos da ditadura militar.

5. Qual a importância da escola no reconhecimento de alunos e alunas transgêneros/as?

Acolhimento com inclusão é fundamental para qualquer pessoa poder estar aberta à motivação e, portanto, à aprendizagem. É nela que se desenvolve a socialização que deve ser múltipla com indivíduos diferentes. Uma pedagogia democrática, aberta à diversidade com suas interseções de raça, etnia, gênero, “deficiências”, daria oportunidade para que esses segmentos discriminados pudessem estudar, construir pontes para se profissionalizarem. O índice de travestis que trabalham na pista é de 90%, porque não têm a mínima chance de ser aceitas como são dentro das instituições de ensino. A prefeitura de São Paulo foi pioneira na criação do Projeto Transcidadania fornecendo condições de autonomia financeira, por meio de fornecimento de uma bolsa de auxílio, condicionada à execução de atividades relacionadas à conclusão da escolaridade básica, preparação para o mundo do trabalho e formação profissional. Outros núcleos foram criados por militantes, inclusive com a implantação de abrigos para a população de rua LGBT e de cursos para preparação do ENEM.

6. E com relação aos/as professores/as trans?

No Brasil há cerca de cem professores trans e são os que mais discutem gênero e sexualidade em sala de aula, tendo uma ótima receptividade por parte dos alunos. Seria fantástico se eles se tornassem professores de cursos de formação para docentes cisgêneros.

7. Tens realizado algum trabalho com relação às pessoas transgêneras no espaço escolar?

No meio universitário, sim. Dou palestras, participo de mesas redondas, escrevo artigos, etc. No ensino fundamental e médio ainda não fui

convidado, mas sei que as Mães pela Diversidade fazem este trabalho, assim como algumas ONGs e militantes.

8. Sabemos que a tua história tem possibilitado a muitos sujeitos o entendimento e o reconhecimento do que é ser pessoa transgênera. Poderias compartilhar com os/as leitores/as algumas dessas histórias, no sentido de visibilizar suas trajetórias, lutas, embates, conquistas?

Meu livro “Viagem Solitária – Memórias de um Transexual 30 anos depois” é a referência para muitxs trans se reconhecerem. Está também inspirando a telenovela da Glória Perez, “A Força do Querer”, em que aborda um personagem transmasculino. Depois de seis anos de ativismo, resolvi escrever o texto “Viagem SoliDária”, parte do livro “Vidas Trans, a coragem de existir”, escrito com mais três pessoas trans, que está no prelo e deverá ser publicado em junho. Nele, conto várias passagens que me marcaram. Uma delas foi numa praça pública em Joinville com sete transhomens jovens. Embora não se conhecessem, cada um falou de suas angústias mais íntimas, se emocionando enquanto se expunham. Dos sete, dois já tinham sofrido “estupro corretivo”. Numa frequência assustadora, transmasculinos e lésbicas sofrem esse tipo de violência por homens da família, com o objetivo de “cura” de que “elas” (eles) passem a gostar de homens. Dois deles foram violentados várias vezes. Um, aos seis anos pelo próprio avô e o outro aos nove anos pelo primo. Dos sete, quatro já haviam tentado o suicídio. Pelas pesquisas, o índice de tentativas de suicídio beira os 40%. Faço também o primeiro censo on-line de transmasculinidades por Estado. Criei 26 grupos secretos e neles estão profissionais de várias atividades capazes de atender trans. A cadeira de Gênero e Sexualidade, como modalidade obrigatória, talvez não chegue nem a 10 universidades brasileiras, embora algumas a tenham como eletiva. Formam-se profissionais sem nenhuma noção sobre como lidar com pessoas que não se enquadram nas normas de gênero tradicionais e biológicas. Outro fato marcante foi em 2013, numa palestra em Maricá, Rio de Janeiro. Na hora das perguntas, um homem de uns 40 anos, instigado pela mulher levantou-se e exclamou: “Eu sou isso, eu sou isso!”, e começou a chorar sem conseguir mais falar. Algum tempo depois, ele, Jô Lessa publicou em 2014, seu livro *Eu*

trans: a alça da bolsa – relatos de um transexual. Homenagem a João W. Nery. Tenho tido muitos retornos gratificantes e o último deles foi esse mês com a publicação do livro “Estudo sobre Gênero: Identidades, Discurso e Educação, Homenagem a João W. Nery, da ed. Pontes. Uma coletânea de artigos organizados por professores de Letras da UFMT (MT).

9. A Lei João Nery (PL 5002/2013) tramita na Câmara dos Deputados desde 2013 e busca garantir à população trans o reconhecimento a sua identidade de gênero. Como tens percebido o processo de tramitação do projeto de lei no cenário político? Esse projeto já produz algum efeito na constituição desses sujeitos transgêneros?

O projeto de lei tem que cumprir a tramitação do Congresso, como tantos outros. Ainda está sendo analisado e por enquanto, eu acredito, aguardando um Congresso mais pró-direitos humanos. Algumas repercussões, em maio de 2017, têm surgido no âmbito do Judiciário, como a atitude dentro do STF do ministro Edson Fachin, relator de uma ação para obrigar as escolas a combaterem o bullying motivado por preconceito de gênero ou orientação sexual, determinando a aplicação de um rito que dá mais celeridade a análise dos pedidos feitos. Ao justificar a medida, o ministro afirma que "sangue tem sido derramado em nome de preconceitos que não se sustentam na ordem constitucional brasileira".

Assim, é preciso rapidez para decidir definitivamente a questão". A outra ação é aquela do STJ, da Quarta Turma, que decidiu que um transexual pode mudar o sexo registrado em sua identidade civil sem necessidade de realizar uma cirurgia de mudança de sexo.

É preciso que se diga que o Brasil é o país que mais mata no mundo trans e homossexuais. Em segundo lugar, vem o México, quatro vezes menos.

10. Tens alguma sugestão de site, livro ou filme que contribua para discussão das pessoas transgêneras?

As referências deste tema estão se ampliando enormemente. Não é difícil usar uma ferramenta de busca na rede e achar facilmente uma ampla oferta, mesmo em português, de sites, blogs e vídeos no youtube. Quanto aos

filmes, sugiro “Transamérica”, “Tomboy”, “Romeos”, “Minha vida em cor de rosa”, “Priscila, a rainha do deserto”, “Meninos não choram”. Quanto aos livros, indico: “Viagem Solitária – Memórias de um transexual 30 anos depois” (João W Nery, 2011), “Eu trans: a alça da bolsa – relatos de um transexual. Homenagem a João W. Nery” (Jô Lessa, 2014), “Vidas Trans, a coragem de existir” (Amara Moira, João W. Nery, Marcia Rocha e T. Brant, no prelo), “E se eu fosse puta?” (Amara Moira, 2016), “O Trompete” (Jackie Kay, 1998), “A queda para o Alto” (Herzer, 1982), “Transfeminismo, Teorias e Práticas” (Jaqueline Gomes de Jesus & Colaboradores, 2014), “Estudos sobre gênero: identidades, discurso e educação. Homenagem a João W. Nery” (vários autores, UFMT, 2017), “O (des)aprendizado de si: transexualidade, interação e cuidado em saúde” (Rodrigo Borba, 2016), “Gênero em termos reais” (Raewyn Connell, 2016), “Gêneros Incríveis” (Tiago Duque, 2017), “A Reinvenção do corpo” (Berenice Bento, 2006), só citando alguns, entre outros, além da existência de inúmeras boas teses escritas. Existe também uma literatura infantojuvenil com personagens homo e transexuais. O livro “A princesa e a costureira”, da editora Metanóia, foi premiado e virou peça teatral, história sobre uma princesa negra que se apaixona por uma jovem branca costureira.

Meu canal no youtube:

http://www.youtube.com/playlist?list=PL6A63F8F265F760DF&action_edit=1&feature=view_al

Meus artigos:

<https://independent.academia.edu/Jo%C3%A3oWalterNery>

